

## **A Espiral do Silêncio e as Representações Sociais: Os Meios de Comunicação, a Legitimação e a Naturalização<sup>1</sup>**

Rhayssa Fernandes MENDONÇA<sup>2</sup>

Claudomilson Fernandes BRAGA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás.

### **Resumo**

O artigo reflete sobre a Espiral do Silêncio e a Teoria das Representações Sociais, para pensar os processos que silenciam determinados grupos na mídia e contribuem para a construção do senso comum sobre temas e objetos. A interconexão dos estudos vinculados a Comunicação e a Psicologia Social embasa as discussões sobre como a comunicação é construtora e precursora das representações sociais e como os conteúdos veiculados pela mídia estruturam-se e são legitimados na sociedade. Foi realizada uma Pesquisa Bibliográfica (FONSECA, 2002), com levantamento, análise e discussão de conceitos e referências teóricas.

**Palavras-chave:** espiral do silêncio; teorias da comunicação; representações sociais; meios de comunicação

### **Introdução**

O papel dos meios de comunicação é abrangente, nas sociedades contemporâneas ele se relaciona à sua capacidade de ofertar definições e tendências, que intervêm e operam de forma vigente nos processos sociais. Os conteúdos e publicações circulam socialmente e podem definir parâmetros que servem como guia e identificação, pois a compreensão destes meios perpassa a noção da existência de um poder. Esse se relaciona com a capacidade da mídia em falar para muitas pessoas com um discurso que por vezes se legitima e é considerado real e verdadeiro, em decorrência de sua inerência e credibilidade perante a sociedade.

Os veículos de comunicação produzem conteúdos em prol de interesses próprios e que circulam em torno dos interesses políticos e econômicos. Estes fatos demonstram que a construção das representações sociais dá-se também pelos sentidos produzidos pela mídia e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG, email: rhayssafernandesrp@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Psicologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Curso de Comunicação Social - Relações Públicas da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG, email: milsonprof@gmail.com

defende-se que este processo passa por uma lógica de silenciamento, conforme aponta a espiral do silêncio.

Para pensar este processo, primeiramente é abordada a Teoria da Espiral do Silêncio, da pesquisadora alemã Noelle Neumann, que alude sobre a mídia e a mudança da opinião, a partir da noção de que as pessoas preferem omitir suas opiniões para manter-se em grupos. Em seguida, é apresentada a Teoria das Representações Sociais, corrente da Psicologia Social desenvolvida pelo pesquisador francês Serge Moscovici, que pensa na construção do senso comum na sociedade, conforme a definição dos grupos sociais. Neste sentido, o artigo procura discutir a correlação entre essas duas perspectivas teóricas, embasando o papel da mídia na sociedade, enquanto atuante em um processo de construção da realidade social, que pode dar ênfase para alguns grupos sociais, em detrimento de outros.

Pensar as áreas de forma conjunta é algo primordial para entender como os meios de comunicação constroem-se enquanto campo representacional e social. Ambos os estudos dão sinais da mídia como elemento legítimo na percepção dos sujeitos em um processo contínuo, que constrói e reconstrói percepções sobre o mundo e os acontecimentos.

### **A Espiral do Silêncio: Mídia e Opinião Pública**

Os estudos sobre a Espiral do Silêncio tiveram início no final dos anos 60, desenvolvidos pela socióloga e cientista política alemã Elizabeth Noelle-Neumann e centram-se na opinião pública. A pesquisadora buscou descobrir a conexão entre a mídia e a mudança de opinião das pessoas (HOHLFELDT, 2001).

Os diversos estudos desenvolvidos investigaram desde as qualidades positivas dos alemães até o comportamento das pessoas em períodos eleitorais, dentro da sociedade. Neumann (1995), identificou que a opinião que recebia apoio de forma mais explícita também parecia ser mais forte do que realmente era. Como consequência, os que divergiam desta opinião aparentemente mais forte, acabavam por se manter em silêncio. A autora observou que algumas pessoas eram incitadas a proclamar suas opiniões e outras a se calarem, até que em um processo de espiral, um ponto de vista dominava o cenário público e outro desaparecia, pois seus partidários eram emudecidos. Este processo foi denominado como espiral do silêncio.

Conforme Neumann (1995), a espiral do silêncio ocorre porque as pessoas têm medo do isolamento e aqueles que possuem menos confiança em si mesmos e baixa autoestima tem uma tendência maior a se unir com a maioria. Quando uma pessoa pensa que está sendo ignorada, sofre e se deixa manipular por conta de sua sensibilidade. Isso ocorre porque estar em grupo ocasiona um estado de felicidade, assim, quando não é possível compartilhar publicamente uma convicção que aparentemente não é aceita de forma universal, as pessoas podem permanecer em silêncio, algo que seria uma opção para que os demais o tolerem. Este medo do isolamento também explica porque os seres humanos se esforçam para observar ao seu redor e não perder a estima dos demais.

Neumann (1995), sugere que os sujeitos observam o consenso de seu meio de convívio e o comparam com sua própria conduta, algo que permite dar sentido a opinião, ou a falta dela. Nos estudos da espiral do silêncio, a opinião é compreendida como a expressão de algo que é considerado aceitável e que pode ser expresso publicamente sem medo. A definição de opinião pela autora mencionada ainda passa pelo terreno das tradições, da moral e das normas, opiniões e comportamentos que devem ser adotados caso a pessoa não queira isolar-se.

A situação gera um consenso, pois o medo do isolamento e da má fama levam a essa necessidade. Isto faz com que as pessoas estejam conscientes de que há um olho público, ao qual estão expostas, e logo, se comportam em consequência deste. Assim, as opiniões e formas de comportamento estão impostas e já são costumes e tradições, elas deixam de ser elemento de controvérsia, que por sua vez, só se ativa quando as tradições, morais, e no caso, a opinião já estabelecidas, são violadas (NEUMANN, 1995).

As considerações de Neumann (1995), permitem pensar que socialmente, as pessoas buscam alocar-se em grupos de pertença que compartilhem seus valores e opiniões. Entretanto, o convívio social faz com que os indivíduos tentem ser semelhantes a maioria, e por isso tendem a omitir suas opiniões. Acredita-se que a Espiral do Silêncio é primordial para pensar sobre como determinados assuntos são ignorados pela mídia, muito embora sejam de interesse da população. Além disso, os meios de comunicação também ofertam noções, comportamentos, ideias que podem ser julgados como algo consensual e verdadeiro, fazendo com que as pessoas possam buscar se ajustar a estes, como forma de conviver em sociedade.

Estudos empíricos, realizados sob a perspectiva da Espiral do Silêncio, mostraram que determinados assuntos de interesse público ignorados pela mídia não ganham expressão porque permanecem com a minoria silenciosa, que não se manifesta a respeito desse assunto justamente por acreditar que ele não interessa a maioria dos indivíduos. À medida que as pessoas se calam, acabam, indiretamente, reforçando as opiniões dos meios de comunicação (NERY; TEMER, 2009, p.95).

Nery e Temer (2009), apontam que o silêncio contamina, camufla opiniões e cria uma distorção da realidade, essas atitudes levam à formação de uma espiral do silêncio, pois a maioria silenciosa teme ser uma minoria. A perspectiva sinaliza que a comunicação social tem uma forte influência na formação de uma opinião que aparenta ser consensual.

Os meios de comunicação atuam na construção da realidade social e ao silenciarem algo, tornam a realidade construída incompleta e não representativa. A mídia é o espaço em que as pessoas têm contato com fatos que não estão ao seu alcance, sendo assim, tomam conhecimento e formam opiniões com base no que lhes é passado. Se estes meios tendem privilegiar determinados temas e omitir outros, acabam por contribuir para que as pessoas também tenham uma representação imprecisa.

A forma de representação midiática influi na noção de realidade. Conforme aponta Neumann (1995), mídia interfere na percepção individual do que pode se dito ou feito sem a ameaça do isolamento. Além disso, o conhecimento público tem uma capacidade de legitimação, pois quando uma conduta pública se torna conhecida, sem ser energicamente censurada ela acaba sendo adequada e mais aceitável e todos podem ver que o comportamento não é isolado. As percepções sobre diversos temas tem influência da forma como são trabalhadas pela mídia, assim, os meios técnicos, as imagens, sons e o modo como são passadas ao público influem na interpretação. A referida autora ressalta que a falta interesse público em muitos casos auxilia a pensar no papel da mídia.

Compreende-se que o desconhecimento sobre determinados temas é primordial para entender com a mídia ocupa um espaço com conteúdos e silencia outros. A percepção é a de que estes meios constroem um campo representacional e contribuem para definir as informações que irão formar o senso comum. O modo como tratam os temas é crucial na forma como estes serão percebidos na sociedade.

Hohlfeldt (1998), aponta que os estudos da espiral do silêncio destacavam a onipresença da mídia como eficiente modificadora e formadora da opinião a respeito da realidade. Os efeitos não seriam superiores apenas ao ditar sobre o que pensar, mas atingiriam a noção sobre o que dizer. Tais considerações revelavam a conexão entre a mídia

e a mudança de opinião. O ponto central das pesquisas seria o clima de opinião, que define o fato de que as pessoas percebem ou imaginam que a maioria pensa diferente delas e acabam por se calarem e em seguida, adaptam suas opiniões ao que imaginam ser a opinião da maioria. Como consequência, a opinião, que por ventura não fosse da maioria, torna-se a majoritária na medida em que se expressa em um movimento de verbalização e angaria prestígio e adesão daqueles que estão indecisos.

O autor ainda aponta que a influência daquilo que eles creem ser o pensamento dos demais realiza-se em um movimento constante, no tempo, que tende a aumentar, fazendo com que os demais calem-se ou sejam silenciados. Assim, mesmo se uma opinião que parecesse majoritária, fosse na verdade minoritária, ela tende a se efetivar como sendo majoritária e vencer barreiras, isso graças à tendência de verbalização e expressão, que crescerá no meio social, em uma espécie de amparo entre os que defendem a opinião e os que imaginam que seu posicionamento é majoritário (HOHLFELDT, 2001).

Os meios de comunicação atuam de forma crucial neste processo, pois para Neumann (1995) as opiniões que se fazem públicas e estão disponíveis para todos, são aquelas que estão nos meios de comunicação. Entende-se que a legitimação dos conteúdos socializados permite a construção de um campo de senso comum, permeado pelo silêncio de um lado e pela forte expressão de outra. O tópico a seguir apresenta a Teoria das Representações Sociais, desenvolvida pelo pesquisador francês Serge Moscovici (2003; 2012), que buscou explicar os fenômenos vinculados à construção do senso comum na sociedade. A perspectiva auxilia a pensar sobre o senso comum, o silenciamento, a formação dos grupos sociais e a relação dessas variáveis com a mídia.

### **Representações Sociais: O Senso Comum Enquanto Campo Representacional**

A Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida pelo pesquisador Serge Moscovici no final dos anos 60 e buscava compreender como a psicanálise se disseminou na França. Os estudos abordam a construção do senso comum e houve um destaque para a imprensa, o cinema e o rádio, como elementos que permitiriam a inserção massiva da psicanálise na sociedade francesa, influenciando no interesse e na propagação da mesma.

As representações sociais correspondem ao conhecimento que as pessoas possuem sobre determinados objetos. Spink (1993), define-as como formas de conhecimento prático, inseridas em correntes que estudam o conhecimento do senso comum, rompendo com as

vertentes clássicas das teorias do conhecimento, e enxergando-as como um conhecimento legítimo, o motor das transformações sociais. Dessa forma, o ato de representar envolve processos dinâmicos situados entre o psicológico e social, e permite o desenvolvimento de uma forma que designa e expressa a interpretação que temos de um objeto.

Moscovici (2003), aponta que os fenômenos ocorrem em uma esfera social e as representações apresentam-se conforme os grupos sociais. Na leitura de Campos (2014), percebe-se que os estudos deixam claro que as representações sociais são elaboradas a partir da interação entre indivíduo e sociedade, pois os sujeitos são coletivos e mantêm-se, porque estão em grupo. Assim, as representações são simultaneamente psicológicas e sociais.

As representações são produto do processo interacional dos grupos, pertencentes aos aspectos psicológicos de cada indivíduo enquanto integrantes de um grupo social. Elas necessitam, portanto, de aspectos que as construam enquanto coletividade e não podem ser inerentes a algo puramente individual. Neste sentido, Moscovici (2003; 2012), ressalta que falar sobre representações sociais implica que não há um recorte entre o exterior e os grupos, e logo, o indivíduo, o que demonstra que, não há uma separação.

A representação social é uma espécie de “preparação para a ação”, guia o comportamento social e, principalmente porque remodela e reconstitui os elementos do ambiente em que o comportamento acontece. Ela dá sentido ao comportamento, integra-o em uma rede de relações em que o objeto está ligado e fornece a noção, as teorias e o que torna as relações de ligação em algo possível e eficaz. O contato com diversos temas, por meio de livros, revistas, artigos, faz com que as pessoas construam uma competência enciclopédica sobre objetos. Este saber penetra no mundo da conversação, de forma que se misturam nas conversas, no momento em que as experiências comuns absorvem tais conhecimentos (MOSCOVICI, 2012).

As pessoas organizam as relações díspares da reflexão sobre o real, tal como um arquivista, assim, classificam aquilo que recebem, resumem, recortam e colocam todos no mesmo universo. Diferentes elementos são unidos, incluídos e excluídos em uma classe lógica, conforme as regras sociais, científicas e práticas. Os esquemas mentais dos indivíduos atuam em uma ressignificação dos objetos, fatos e acontecimento, modificando-os, dando uma ordem lógica para a representação. Desta forma, os elementos que pertencem a diferentes regiões desta atividade e dos discursos sociais são modificados uns nos outros e passam a servir como signos e meios de interpretação dos outros (MOSCOVICI, 2012).

O processo envolve uma familiarização dos objetos, pois as representações nascem e se relacionam com a familiaridade e com a necessidade em identificar e de certa forma, acostumar-se com o mundo ao redor, solucionando os dilemas que o mundo nos propõe. Jodelet (1993), aponta que as pessoas criam representações para se ajustar, conduzir e localizar no mundo. Diante das coisas, das pessoas, dos eventos, não faz-se uso apenas dos automatismos, mas compartilhamos um mundo com tudo isso. Afirmo ainda que representações são criadas pelas pessoas com intuito de entender como comportar-se e dominar física e intelectualmente o mundo. Elas são importantes na vida cotidiana, guiam a função de nomear e definir os aspectos das realidades. Representações atuam na tomada de decisões e posicionamentos, circulam nos discursos e estão presentes de forma concisa nos conteúdos provenientes dos meios de comunicação.

A representação social é um conjunto de proposições, reações e de avaliações, que tocam pontos particulares durante discussões, as quais Moscovici (2012) define como “coro coletivo”, mais precisamente, a opinião pública. Estas proposições são organizadas de forma diferente conforme classes, culturas e/ou grupos que constituem universos de opiniões tão numerosos quanto as classes existentes. Para o autor, as tomadas de posição podem ser entendidas como as atitudes, de modo que “[...] nos informamos e representamos alguma coisa unicamente depois de ter tomado uma posição e em função desse posicionamento” (MOSCOVICI, 2012, p.69).

Na concepção de Moscovici (2012), a comunicação modela a estrutura das representações, pois as pessoas possuem consigo uma espécie de enciclopédia que faz com que a representação social carregue uma racionalidade coletiva. Essa torna os textos da comunicação imediata repetitivos, dotados de avanços, recuos e generalizações, que se dão a partir de um “outro generalizado”, em que se fala “deles”. Os indivíduos tendem a se definir como um “eu generalizado” e não como pessoa particular e busca tomar seu discurso como coletivo e que pertence a todos.

Na comunicação o objeto é apreendido em um local denominado como infracomunicação em que os indivíduos deixam-se impregnar reciprocamente, para manter o contato. Com isso, acabam tendo um papel de emissores e receptores, em um processo de troca de atitudes, estilos de expressão, dentre outros, e o conhecimento é expandido pelo contágio. Esse conhecimento passado dentre as trocas, levando à produção do senso comum (MOSCOVICI, 2012).



A construção das representações depende primeiramente da estruturação dos grupos sociais, com isso, entendemos que pessoas buscam estar em grupo, levando então a percepção que o processo da Espiral do Silêncio está intrínseco à construção das representações sociais. Ao calar sua opinião o sujeito está tendo uma tomada de decisão, mediante ao que crê ser mais adequando ao seu grupo de pertença. Entende-se também que, esse processo passa diretamente pelos meios de comunicação, pois a mídia auxilia na veiculação de representações que mudam os contextos da realidade, calando vozes e destacando outras.

Em seus estudos sobre representações sociais, o pesquisador Abric (2005), identificou um elemento importante, denominado de zona muda, que “[...] faz parte da consciência dos indivíduos, ela é conhecida por eles, contudo ela não pode ser expressada, porque o indivíduo ou o grupo não quer expressá-la pública ou explicitamente” (ABRIC, 2005, p. 22). Os elementos presentes nessa zona muda têm uma ligação com avaliações e valores considerados ilegítimos pelos indivíduos, ou seja, aqueles que compõem o processo da espiral do silêncio.

O “eu generalizado” de Moscovici (2003), pode ser definido pela espiral do silêncio, que omite os elementos da zona muda em determinados contextos. O conceito de zona muda contribui para a compreensão da espiral do silêncio, pois a não verbalização demonstra que as representações sociais influem na atitude das pessoas sobre o que devem, ou não, falar publicamente. Acredita-se que por uma perspectiva comunicacional, este processo ganha uma proporção ainda maior, em decorrência do alcance e poder dos meios de comunicação.

### **Espiral do Silêncio e Representações Sociais: A Mídia e a Naturalização**

Os conteúdos e publicações dos meios de comunicação compõem as representações sociais. Essa compressão passa pela constatação de que a mídia perpassa o processo de construção das representações sociais, ao mesmo tempo em que veicula representações sociais que já são vigentes na sociedade. Isto acontece de forma inerente e mútua, levando a construção do senso comum.

Ao deixar de apresentar determinados fatos, corrobora para que estes não tenham atenção e aqueles que o conhecem acabam por crer que não é algo importante. Acredita-se que também há uma exclusão de perspectivas sobre alguns temas, nos quais, em geral,



apenas um lado tem direito a expressar-se e dar sua versão, algo que desvirtua o sentido. As pessoas, ao verem a posição e a versão apresentada nos meios de comunicação, acabam por entender se sua atitude condiz ou não ao que é socialmente aceito. E esta mesma mídia tende a dar voz para assuntos que possuem maior consenso. Apesar de entender que os indivíduos possuem autonomia para definir seu pensamento e interpretar as mensagens da mídia, entende-se também que sua tendência de comportamento pode convergir-se com aquilo que é representado nos meios. O desconhecimento é um fator que contribui para este processo.

Com os avanços tecnológicos, houve uma ponderação na hegemonia da televisão (que possui grande destaque nos estudos de Neumann) e assuntos ganham espaço em redes sociais da internet, por exemplo, com vertentes e posicionamentos diferentes. Entretanto, estes novos formatos também servem como espaço para produtos oriundos dos meios de comunicação tradicionais. Desta forma, esta mídia prossegue tendo um espaço social grande e abrangente, repercutindo entre a sociedade e interagindo no processo de produção das representações.

Pode-se considerar que os conteúdos veiculados, correspondem ao ponto de vista de um grupo, logo, a uma representação que ganha espaço para circular socialmente. Isto faz com que o silenciamento em relação a diversos temas seja contundente. Conforme Neumann (1995), a mídia e o meio social são fontes de observação. Moscovici (2003; 2012) aponta que a comunicação constrói as representações. Portanto, ao enxergar na mídia determinados posicionamentos, temas, assuntos, as pessoas constroem e definem suas representações e podem buscar se aproximar dos grupos sociais, ao se embasar nos discursos que julgam ser apropriados por todos.

Devemos ponderar que existem diferentes posicionamentos nos veículos de comunicação. Mas a própria espiral do silêncio e as representações sociais consideram as divergências nos contextos sociais, entretanto, relevam que algumas representações sobressaem, enquanto outras são silenciadas.

Braga e Campos (2012), definem que as representações sociais são definidas pelo contexto comunicacional e que, assim como a comunicação, elas definem o que é para um grupo e não para o outro. Ao pensar a comunicação midiática, compreende-se que ela apresenta um discurso do senso comum, que é elaborado e veiculado como verdade, em decorrência do princípio de autoridade, marcando a relação entre os objetos e suas

representações. Isto porque, tanto a representação como a comunicação, são enunciados que se definem pelo contexto comunicacional.

Assim, as crenças e comportamentos passam também pelo crivo dos conteúdos midiáticos, porque o discurso torna-se o senso comum e possui respaldo, em decorrência de sua voz de autoridade e sua credibilidade. Braga e Campos (2012), apontam que a credibilidade da mídia é decorrente da circulação de conteúdos simbólicos, com isso, alcança o grau de credibilidade para construir-se como autoridade na criação de um discurso reconhecidamente válido.

As publicações dos meios de comunicação podem ser vistas por este prisma, em que possuem crédito da sociedade e legitimam perspectivas para os grupos sociais. Para Neumann (1995), esse papel da mídia representa uma ameaça à própria democracia, estes meios apoiam um grupo, que são uma fonte que procede a avaliação que as pessoas farão do clima de opinião. Os meios influentes argumentam com palavras e influenciam no processo de opinião e na tendência que as pessoas têm de se expressar ou ficar caladas.

Alguns grupos acabam sendo excluídos ou tendo suas informações distorcidas, fora da lógica funcional não tem voz ativa e não podem exprimir seu lado em determinados acontecimentos. A mídia é vista como um espaço em que os interesses econômicos e políticos são vinculados de forma concisa com os conteúdos e seus enfoques. Para Sousa (2002), minorias ativas têm um acesso maior aos meios de comunicação e por isso, fazem com que suas opiniões pareçam ser dominantes ou mesmo consensuais, quando não são. A ação dos meios de comunicação, pode também silenciar uma maioria que se passa por minoria.

A mídia auxilia na construção e na veiculação das representações sociais, com um processo influenciado pela espiral do silêncio. Assim, o silenciamento de grupos coloca em cheque a importância de suas causas em âmbito social e tira do foco da sociedade assuntos importantes. Outra possibilidade que pode nascer deste processo é a da naturalização dos objetos silenciados.

É importante ressaltar que Moscovici (2003; 2012) aponta que as representações são estáveis e vigentes, ou seja, é difícil que ocorram mudanças muito bruscas. Tal constatação ajuda a pensar a perpetuação de alguns parâmetros e elementos sociais. Para Spink (1993), as representações são alimentadas pelos produtos de mídia, ao circularem enquanto recombinações de conteúdos arcaicos sob pressão das forças do grupo. Por isso, Braga e

Campos (2012) sinalizam que na mídia, circulam livremente discursos legitimados, embora estes sejam essencialmente monológicos, conforme aponta Thompson (2006).

Logo, os conteúdos sinalizam uma situação social vigente que muda conforme o tempo, mas mantém em sua centralidade os elementos que garantem sua legitimação, em um processo no qual se torna algo natural. A construção do senso comum dá-se pelos objetos legitimados pela voz de autoridade midiática. A naturalização de determinados temas pode contribuir para a construção da representação errônea ou alterada da realidade, conforme os interesses daqueles que tem em mãos o acesso aos meios de comunicação.

Sodré (2002), afirma que as tecnologias fazem uma clonagem da realidade física, que é convertida em realidade virtual e causa novas formas de consciência. As percepções midiáticas geram interpretações do real pelo virtual e há a construção de uma vida paralela com características de uma realidade virtual, com a imersão do participante é mental ou afetiva.

A imersão das pessoas naquilo que é produzido pelos meios de comunicação caracteriza um efeito de naturalização, em que aquilo que é apresentado torna-se algo comum e natural. Spink (2006), aborda os efeitos de naturalização dos fatos sociais, com uma perspectiva sobre as imagens e práticas discursivas. A autora aponta que os discursos são construções comunicativas que usam diversas modalidades semióticas ao desenhar produtos e eventos. Os avanços tecnológicos ocasionaram mudanças ainda mais consistentes nos meios de comunicação, tornando-os fortemente multimodais, que não finalizam-se no momento em que são produzidos.

São práticas discursivas engendradas em contextos de produção situados histórica e socialmente. Fazem parte de uma cadeia de comunicação que é intrinsecamente dialógica. Não são, portanto produtos em si; não acabam na finalização dos estágios da produção comunicativa (SPINK, 2006, p.22).

Por ser uma produção cultural, elas extrapolam os contextos de produção, tornando o uso desta multimodalidade algo importante. As imagens e os textos apontam a existência de efeitos ideológicos. Compreender esse caráter requer a compreensão das mensagens como um todo e a forma como são recebidas e incorporadas na vida das pessoas.

No plano discursivo, cremos ser possível trabalhar os conteúdos ideológicos pela análise das estratégias midiáticas que obstaculizam a capacidade reflexiva pelo uso de estratégias que levam à naturalização de repertórios interpretativos (SPINK, 2006, p.25).

A autora ressalta que esse processo é decorrente de alguns meios, como a conversacionalização que gera a banalização característica do senso comum, tal qual as pessoas passam a crer que uma coisa é assim porque é assim. A marquetização, que torna o receptor um consumidor e transforma a mídia em lazer, e os tropos que fazem uso figurativo da linguagem. Nos textos verbais, os efeitos ideológicos estão presentes na naturalização dos termos em que a realidade é apresentada (SPINK, 2006).

A compreensão é de que a construção das representações sociais é permeada pelo processo de espiral do silêncio, o que conseqüentemente naturaliza determinados objetos com incompletude. É possível que esta representação midiática, acabe convergindo-se em uma representação social vigente, logo, determina as crenças e guia os comportamentos, reforçando os efeitos ideológicos do silenciamento.

Além disso, compreende-se também que a falta de espaço dos veículos de mídia em relação a determinados assuntos apontam que os interesses sociais são silenciados em detrimento de conteúdos de entretenimento, sensacionalismo e outros artifícios que repercutem de forma mais efusiva. Não são desconsiderados os conteúdos de canais educativos, culturais e sociais, entretanto, entende-se que a grande mídia é prevalecente em silenciar e naturalizar objetos.

Também considera-se a internet como meio atuante ao propiciar espaço para que outras vertentes e pontos de vista possam ser expressados, mas pontua-se que a grande mídia ainda não abre totalmente este espaço, e quando o faz é em prol de seus interesses. Como conseqüência, os meios influem na construção das perspectivas, silenciam grupos sociais atuando nos processos de tomada de decisão.

### **Considerações Finais**

O artigo buscou compreender o desenvolvimento da Espiral do Silêncio como forma de pensar a construção do senso comum, fundamentado pela Teoria das Representações Sociais. Entende-se que a psicologia social auxilia a pensar as condutas e crenças e como estes influenciam na forma como os meios de comunicação interagem socialmente. A mídia surge como elemento catalisador e gerador do processo de espiral.

O poder de legitimar objetos e perspectivas garante aos meios de comunicação um papel primordial perante a sociedade, em que perpassam os comportamentos e condutas. Por ter um discurso credível, as representações passam a ser permeadas por tais conteúdos,

embora não apenas por eles, e com isso aquilo que está no processo de espiral, ou seja, o que é silenciado reflete-se diretamente no senso comum. Os grupos, conseqüentemente, não possuem representação nos espaços dos meios e acabam não sendo pautados na sociedade também.

A construção da espiral do silêncio pode ser correlacionada com zona muda, interligando os meios de comunicação e as representações sociais, de forma que a mídia é forte atuante na construção do senso comum, enquanto o legitima. Do mesmo modo, as representações são atenuantes na interpretação dos conteúdos de mídia, perpassando a compreensão do silenciamento como um comportamento adotado mediante o conhecimento do que dizem os meios.

O encontro da comunicação e da psicologia social permite reflexões importantes para ambas as áreas. Pensar a mídia como elemento que integra de forma vigente as representações, sinaliza também que seus conteúdos são representativos e efetivam um ciclo infundável para a construção das representações, entre mídia e sociedade. As considerações sobre a espiral do silêncio podem ser pensadas por este prisma, o que leva a entender que processos psicossociais e comunicacionais não podem ser dissociados. Por isso, relevância de se pensar a mídia em relação às representações sociais, articular e integrar estudos das áreas.

## Referências

ABRIC, JC. A zona muda das representações sociais. In: Oliveira D. C. & CAMPOS, P. H. **Representações Sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro. Museu da República, 2005.

BRAGA, Claudomilson Fernandes; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. **Representações sociais, situações potencialmente comunicativas e conflito: o caso da reserva indígena Raposa Serra do Sol (2005-2009)**. Curitiba: Appris, 2012.

\_\_\_\_\_. **Invisíveis e subalternos: as representações sociais do indígena**. *Psicol. Soc.* 2012, vol.24, n.3, pp. 499-506.

CAMPOS, P. H. F. (2014). O dilema dos "herdeiros de Durkheim": classes, grupos ou instituições? In E. M. Q. O. Chamon; P. A. Guareschi; & P. H. F. Campos (Orgs.), **Textos e debates em representações sociais**. Porto Alegre: ABRAPSO.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

HOHLFELDT, A. Espiral do Silêncio. **Revista Famecos**, nº 8, Porto Alegre, 1998.

HOHLFELDT, A. MARTINO L. e FRANÇA V. (orgs) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

JODELET, Denise. Representations sociales: um domaine em expansion. In: Jodelet (Ed) **Les representations sociales**. Paris: PUF, 1989, PP. 31-61. Tradução Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ – Faculdade de Educação, dez 1993.

NERY, V. C. A; TEMER, A. C. R. P. **Para entender as Teorias da Comunicação**. 2ª ed. Uberlândia: Aspectus, 2009.

NOËLLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio**. Opinión pública: nuestra piel social, Paidós. Barcelona, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**. Investigações em Psicologia Social. 4 ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUSA, Jorge de. **Teoria da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos; Letras Contemporâneas, 2002.

SPINK, M. J. P. **As Representações Sociais como Formas de Conhecimento**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, p. 300-308, 1993.

\_\_\_\_\_. O Poder das imagens na naturalização das desigualdades: os crimes no cotidiano da mídia jornalística. In: Spink, M.J.P. & Spink, P. (org.) **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais**. (pg. 17-41). São Paulo: Editora Cortez, 2006.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006